

O inferno aqui tão perto

Literatura de Viagens e Reportagem de Guerra

Isabel Nery

A literatura de viagens é mais importante do que nunca como forma de revelar a realidade viva dos lugares que se perdeu nas reportagens de música de elevador durante 24 horas por dia.

Robert D. Kaplan

Há distâncias que não são geográficas e que só os viajantes da escrita e das emoções conseguem percorrer. Levar novos mundos ao mundo sempre foi a vocação da literatura de viagens. Até quando parece que já todos os lugares foram descobertos. Sobretudo quando parece que já todos os lugares foram descobertos.

Renovada, sempre com alguma coisa para contar, a literatura de viagens não precisa de pretextos para continuar a existir. Quando muito precisará de novos aliados. Porque onde há gente há histórias, e onde há histórias há tema de reportagem, vale a pena olhar para este género jornalístico pelo óculo da literatura de viagens.

Num país de achadores e de poetas não é de estranhar que a prosa de viagens, tal como a poesia, seja “uma das mais significativas dominantes da literatura”.¹ Começou por sê-lo a pretexto das Descobertas. Não morreria com elas. O legado ficou. E a literatura de viagens tem demonstrado capacidade para se reinventar.

A partilha de informação sobre gentes, culturas e lugares é a sua razão de ser. Até ao século XX essa missão assumia particular importância por ser quase a única forma de sair de casa, do mundo que se conhece.

A massificação do turismo, a televisão e o cinema vieram alterar essa realidade. O que é descrito passou a poder ser, muitas vezes, verificado, desejado por quem lê.

Sair do País, ou mesmo “ir para fora cá dentro”, está agora ao alcance de milhares de portugueses. Há quem viaje por moda ou até para manter o *status* social, mas a maioria viaja por gosto.

Quer isto dizer que muito mais gente passou a querer conviver com o mundo, não só pelas letras, no passado acessíveis a muito poucos, mas também pelo seu próprio pé. Seria, porém, precipitado anunciar a morte da literatura de viagens.

No século XXI, e apesar dos pacotes turísticos, continua a haver locais na Terra inacessíveis à esmagadora maioria das pessoas. É este o caso dos cenários de guerra, não só pouco atractivos para turistas, como fechados a visitas. Os próprios jornalistas têm sérias dificuldades em chegar a tais territórios. Mesmo quando todas as autorizações legais são conseguidas.

As reportagens de guerra nada dizem ao turista, como o entendemos hoje, mas em tudo falam para o viajante – o verdadeiro estudioso da humanidade que não se cansa de descobrir o outro.

O viajante não mata a curiosidade na torre mais alta nem na igreja mais visitada, mas sim na descoberta de diferentes culturas e experiências. Acumular sensações é o seu vício.

Para Urbano Tavares Rodrigues, “a viagem é a procura do outro mas, simultaneamente, sendo a procura do outro, acaba por ser muitas vezes a nossa própria descoberta, porque

¹ António Valdemar, “As Partidas do Mundo Mais Próximo de Nós, in Diário de Notícias, 15/02/2001

é na viagem que, comparando o outro mundo com o nosso, descobrimos as diferenças, as similitudes profundas e os traços mais marcantes”.²

Os livros aqui analisados levam-nos ao lugar das emoções, mais do que ao lugar das coisas ou das atracções. Levam-nos a sítios onde nunca poderíamos ir. Pelo menos, não enquanto a guerra for dona e senhora, ditadora de regras contrárias à convivência entre povos que à viagem sempre esteve associada.

Para esta análise escolhemos três obras: *Hotel Babilónia*, de Carlos Cáceres Monteiro, *Repórter de Guerra*, de Luís Castro, e *Baía dos Tigres*, de Pedro Rosa Mendes.

Cáceres Monteiro foi fundador e director da revista *Visão* até à sua morte precoce, em 2005. Luís Castro é jornalista da RTP e Pedro Rosa Mendes foi fundador do jornal *Público* e trabalha actualmente como correspondente da agência Lusa em Timor-Leste. Não há em Portugal muitos livros publicados sobre reportagem de guerra. Ainda assim, como qualquer escolha, também esta implicou exclusões, sendo, por isso mesmo, discutível.

Com a selecção referida pretendemos, acima de tudo, a qualidade e a variedade. Um dos livros, *Repórter de Guerra*, baseia-se na experiência de um jornalista de televisão em cenários bélicos. Os outros dois foram escritos por repórteres de imprensa.

Trabalhar para um órgão de comunicação audiovisual tem também implicações na forma de escrita e transmissão dos acontecimentos. “Não escolhi palavras bonitas para embelezar o texto. É meramente factual. O que aqui está aconteceu. Mesmo”, avisa Luís Castro.

O livro de Cáceres Monteiro é o resultado de 35 anos de viagens, nem todas, mas muitas, para cobrir situações de guerra ou pós-guerra. É, nalguns capítulos, uma verdadeira aproximação à literatura de viagens. “*Hotel Babilónia* é reportagem em estado puro, datada e comparativa, desafiando o leitor a ‘ver’ o antes e o depois, ou a saber como há conflitos e lugares que mudam rapidamente ou se eternizam, quase estáticos, como se o tempo não existisse”, escreve Dinis de Abreu na nota de abertura. A obra de Pedro Rosa Mendes é o resultado de um projecto – percorrer África, de Angola à contracosta – não só inédito em termos jornalísticos, como único no seu estilo. José Eduardo Agualusa afirma no prefácio: “Portugal precisava de um livro como este. Um livro capaz de justificar todo um passado comum de errância pelo mundo e de renovar a chamada literatura de viagens. Neste caso, grande literatura.” Era, portanto, inevitável incluí-lo nesta escolha.

Pode argumentar-se que não é um livro sobre reportagens de guerra, já que o autor não assistiu nem relatou conflitos. Mas será a guerra apenas digna de notícia quando caem os obuses? Quando, como acontece desde o conflito do Iraque, se pode mostrar em directo? Ou será o trabalho de Rosa Mendes uma oportunidade única de vermos o que a guerra faz a um país e ao seu povo?

Os territórios que o jornalista percorreu viveram mais de trinta anos em guerra, pelo que, não sendo reportagem de guerra como geralmente se entende, considerámos que era uma obra fundamental no conjunto das seleccionadas.

Mais pertinente do que discutir se fala de guerra, é ter consciência de que se trata de ficção. Baseada no olhar de um repórter, é certo, mas, ainda assim, ficção.

² “A Literatura e as Viagens”, in *Jornal de Letras*, 09/05/2007

Vimos já que são todos livros que falam de viagens. Livros que, sendo baseados em trabalhos jornalísticos, relatam os encontros e desencontros por caminhos efectivamente percorridos e não apenas imaginadas.

E literatura? Podemos seguir vários caminhos para responder à pergunta. O da estética, geralmente o mais invocado, é o que menos colhe. A qualidade da escrita é nos casos escolhidos não só uma garantia como um elemento definidor. A palavra como instrumento de comunicação e de emoção é nos três livros usada de forma soberba, não ficando a dever nada a textos apelidados de literários.

Para o crítico António Olinto, a utilização da matéria-prima – a palavra – com fins estéticos, é “a possibilidade que o género jornalístico tem, de ser literatura”.³

Embora possa haver cruzamento de objectivos e até de técnicas, nem o escritor tem de ambicionar fazer jornalismo nem o jornalista literatura. O repórter José Pedro Castanheira lembra que “a reportagem pode ser, mas não é obrigatoriamente uma forma de iniciação à literatura”.⁴

Se olharmos para os conteúdos encontraremos sempre diferenças entre as duas técnicas. Literatura não é jornalismo nem jornalismo é literatura. Por uma única razão – a primeira, embora se baseie e inspire na realidade não tem de se lhe manter fiel. O jornalista pode descrever de forma emotiva, pode até relatar melhor do que um escritor, pode usar estratégias semelhantes – como a do discurso directo para convencer o leitor da veracidade do que está a ler. Mas não pode inventar informação.

O escritor está desobrigado de deontologias e de condicionalismos profissionais. Tem a liberdade de compor, misturar, ficcionar. Do jornalista é exigido que se mantenha fiel à realidade, ainda que sujeita à subjectividade da sua visão. “O escritor cria e expressa os seus próprios pensamentos, enquanto o jornalista exprime os sentimentos, as reivindicações da comunidade”⁵, resume Olinto.

Quando falamos em literatura de viagens também não estamos a falar de uma literatura qualquer, mas sim de um “subgénero literário que se mantém vivo do século XV ao final do século XIX, cujos textos, de carácter compósito, entrecruzam literatura com história e antropologia, indo buscar à viagem real ou imaginária (por mar, terra e ar) temas, motivos e formas”⁶, define Fernando Cristóvão.

A especificidade que lhe está associada, quanto mais não seja pelos objectivos que encerra, transformam-na num tipo de literatura único, onde a reportagem se encaixa de forma quase perfeita.

Importa lembrar que muitos dos fundadores da literatura de viagens nacional, como Fernão Mendes Pinto ou Pêro Vaz de Caminha, foram considerados repórteres. Talvez por isso Cáceres Monteiro defenda que “na literatura de viagens, mais próxima da reportagem ou até dos relatos de guerra, não é possível dar passos seguros se muito do que antes se escreveu não for apreendido.”

Já utilizámos várias vezes o termo reportagem e o tema deste ensaio é a reportagem de guerra na literatura de viagens. Chegou o momento de nos determos um pouco no significado da palavra.

Há vários géneros jornalísticos: entrevista, notícia, crónica, reportagem. No entanto, nem a entrevista nem a notícia teriam cabimento num texto sobre literatura de viagens.

³ Tania Maria Bezerra Rodrigues, *Jornalismo e Literatura. Os protagonistas do discurso pelos verbos dicendi*, in www.filologia.org.br

⁴ *Serviço de Reportagem*, Editorial Notícias, Lisboa, 1998, p. 9

⁵ Tania Maria Bezerra Rodrigues, op. cit.

⁶ “Para uma teoria da Literatura de Viagens”, in *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens*, Almedina, Coimbra, 2002, p. 35

E porque não, se são todos géneros jornalísticos? Porque, nota Ryszard Kapuscinski, “nas notícias conta-se a história, mas não o que rodeia a história”.⁷

Só a reportagem, que tem como objectivo principal contar histórias com interesse jornalístico, implica transportar o leitor – ainda que esteja deitado no sofá ou sentado na esplanada – para o lugar descrito.

À imagem e semelhança da literatura de viagens, “tem especial relevância a saída do local doméstico e da contextualização pluriforme, para se demandar o desconhecido, observando e inquirindo o saber dos outros”⁸, resume Fernando Cristóvão.

A literatura de viagens permite sonhar, viajar mentalmente. Ora, só a reportagem – considerada por muitos o género mais nobre da actividade jornalística – partilha este objectivo com a literatura de viagens. Tanto no sentido de transportar o leitor até ao local dos acontecimentos como no de levá-lo até às emoções passadas pelo repórter. O segredo de uma reportagem está em “ouvir simplesmente as pessoas, as suas histórias – em vez de as interromper para fazer perguntas provocatórias e indiscretas”⁹, defende Robert D. Kaplan. Para o jornalista norte-americano, é também isto que “forma a essência de todos os bons livros de viagens”. Até porque, “a observação profunda de pessoas e paisagens oferece a melhor análise política e social”.

Embora esteja já ultrapassada a discussão da objectividade – impossível – do jornalista, é importante referir que no género reportagem a subjectividade sempre foi entendida como fazendo parte da sua essência: “É uma leitura necessariamente subjectiva da realidade. A sua matéria-prima são as pessoas, são os factos, é a vida”¹⁰, afirma José Pedro Castanheira.

Em reportagem, o jornalista trabalha com todos os seus sentidos. Não se trata apenas de ouvir o que as pessoas têm a dizer, trata-se de ir aos bastidores dos acontecimentos, cheirar, sentir a temperatura. E mostrar. Dizer o que se passa é curto, é preciso dar “provas”, detalhes – garantias de veracidade.

Tudo isto com o objectivo de pôr o leitor a viajar parado, num mundo – geográfico ou afectivo – que não conhece. Só quando assim é se pode chamar reportagem.

Para Jean-Dominique Boucher o objectivo deste género jornalístico é “fazer ver, ouvir, sentir, experimentar”.¹¹ Isto é: “Fazer viver. Como se o leitor lá estivesse. Como qualquer espectáculo, inclui cenário, sons, personagens, roupas, acção (o acontecimento).”

Este trabalho de proximidade em que, como diz Boucher, “o leitor não só é informado, mas também sensibilizado, ou até implicado na situação descrita, porque a reportagem faz apelo à sua afectividade”¹², não significa, não pode significar, que o jornalista possa fazer literatura no sentido ficcional do termo.

O facto de se pedir ao repórter que conte uma história – e o mesmo é dizer, que prenda a atenção do público – pode criar equívocos, que devem desfazer-se. “Os repórteres, embora se revelem contadores de histórias, continuam a ser, acima de tudo, agentes de informação”.¹³

Ainda que seja importante – esperada – uma qualidade de escrita acima da média, o jornalista em reportagem deve usar, como refere José Pedro Castanheira, de outras

⁷ Joana Amado, “Ryszard Kapuscinski – Morreu o Repórter Completo”, in Público, 25/01/2007

⁸ Fernando Cristóvão, “A literatura de viagens, dos navegadores aos exploradores e destes aos turistas”, in População: Encontros e Desencontros no Espaço Português, Ericeira, Edições Mar de Letras, 2000, pp 147-156

⁹ Robert D. Kaplan, “Cultivating Loneliness”, in Columbia Journalism Review, 2006

¹⁰ José Pedro Castanheira, *Serviço de Reportagem*, Editorial Notícias, Lisboa, 1998, p. 9

¹¹ Jean-Dominique Boucher, *A Reportagem Escrita*, Editorial Inquérito, Mem Martins, 1994, p. 12

¹² ibidem, p. 10

¹³ ibidem, p. 8

qualidades e talentos: “Rigor, imaginação, capacidade de tratamento de uma informação variada e contraditória e um enorme poder de compreensão e transmissão do que se observa no terreno”.¹⁴ Porque “reportagem não é ficção, é relatar, é retratar”.

Em termos linguísticos, a reportagem obedece às mesmas regras dos outros géneros jornalísticos: estilo conciso, preciso, simples. O conteúdo, rico em impressões, é que deve fazer com que o relato nos entre pelos sentidos.

Por isso a tarefa no terreno se torna tão importante como o trabalho de escrita na redacção. “Faz-se a reportagem com os sentidos bem abertos. Escreve-se com as entranhas”¹⁵, afirma Jean-Dominique Boucher.

O que foi dito até aqui justifica a actualidade da discussão sobre a importância da reportagem para o futuro dos media. Não que alguma vez o género tivesse saído de moda. Mas hoje é discutido, a par com o jornalismo de investigação, enquanto garantia de sobrevivência do próprio jornalismo, posto em causa pela banalização da informação em meios como a internet.

Como alerta Kaplan, a rede torna os factos tão fáceis de obter que “há a ilusão de conhecimento quando na verdade não existe nenhum”.¹⁶ A internet generalizou a ideia – falsa – de que “todos somos jornalistas”.

Se alguma verdade há nesta afirmação, ela cinge-se ao jornalismo entendido como informação instantânea. Para escapar à extinção, Kaplan considera que “o jornalismo precisa desesperadamente de um regresso ao terreno, ao tipo de primeira-mão, descoberta solitária mais associada à fora de moda escrita de viagens”.

A reportagem, com as características que descrevemos, não se inclui no jornalismo instantâneo. E é por isso que, no entender de Kaplan, pode mesmo transformar-se na terceira via dos media. “A reportagem – uma das actividades mais antigas, mesmo quando teve nomes diferentes – vai sobreviver e prosperar, enquanto o jornalismo como uma disciplina corre o risco de se dissolver em mais um ramo da indústria do entretenimento. Como é que a boa reportagem vai sobreviver? Cada indivíduo terá de exigir a si próprio não escrever uma única palavra sobre um sítio enquanto não o conhecer pessoalmente.”

Kaplan reconhece que “em si mesma, a literatura de viagens é uma ocupação pouco rentável, mais adequada aos suplementos de domingo”. Mas, ao mesmo tempo, também é “um veículo hábil para preencher o vazio do jornalismo sério: por exemplo, resgatando temas como a arte, a história, a geografia...”

Seguindo o caminho trilhado pelos três jornalistas portugueses – Cáceres Monteiro, Luís Castro e Pedro Rosa Mendes – encontramos reportagem, viagem e guerra. Por vezes, cruzam-se. Por vezes, afastam-se. Sempre se tocam, numa inquietante visão do mundo.

“Tenho 83 anos. Fumei, fodi, bebi. Aos 40 anos acabou-se o tabaco e fumei gangonha sul-africana – nunca mais. Venha cá amanhã!”

Quem procura histórias encontra-as em toda e cada uma das 400 páginas escritas por Pedro Rosa Mendes. O velho que faz da experiência do feminino o seu mundo; a africana que chega a Lisboa para trabalhar num restaurante e acaba num cabaré; o ex-combatente que perdeu as pernas e tem como único prazer o sentir da brisa nos cotos; a mulher perseguida por amar sem cores porque “homem branco e mulher preta, está bem; mulher branca e homem preto, não pode ser”.

¹⁴ José Pedro Castanheira, *op. cit.*, p. 9

¹⁵ Jean-Dominique Boucher, *op. cit.*, p. 90

¹⁶ Robert D. Kaplan, *op. cit.*

Histórias de vida, num território especializado na morte. A morte em partes ou no todo. A morte dos direitos, dos sonhos, do futuro, da justiça. Ou apenas a morte da sobrevivência.

Para chegar a estas histórias, Pedro Rosa Mendes percorreu o eixo Angola-Moçambique (o trajecto de Capelo e Ivens, um século depois). Embora não tivesse estado exactamente debaixo de fogo, como aconteceu a Luís Castro e a Cáceres Monteiro, passou fome, frio e medo para poder trazer personagens como aquelas até ao leitor. Foi preciso: “Sonhar com uma cama. Acordar com ratos. Adormecer com susto. Desprezar as lágrimas. Evitar os cães. Defecar à frente dos outros. Tomar banho nos rios, nadar na sesta dos crocodilos.”

É verdade que, por vezes, o jornalista descreve prazeres do seu percurso – “Bela travessia: uma hora desde Kanyemba, esquiando canoa na humidade da tarde, com o sol a desaparecer vermelho na cordilheira do Zambeze” – mas o fio condutor do livro são as histórias de pessoas, que apresenta saltitando de território em território e até de umas épocas para outras.

É essa, aliás, a promessa do autor nas primeiras páginas: “A cartografia afectiva de uma rota cujos locais têm rosto de gente e onde espaço e tempo são as coordenadas que mais mentem.”

A viagem em si é, muitas vezes, protagonista, mas nunca em excesso. E sempre com o objectivo de chegar aos despojos de guerra. “Benguela é uma cidade costeira. Para fora há mar, para dentro há ilhas a perder de vista. O país não existe como está no mapa. Deixa-se o Atlântico e entra-se no nada. O Mar da Tranquilidade, uma sinistra forma dela. São ilhas que atravessamos, o alcatrão desapareceu e por baixo ficou uma sinuosidade de canais. A guerra foi uma erosão, comeu a terra e os habitantes. Benguela é terra firme. Lubango também. Huambo e Cuíto já foram. O que está no meio não se descreve”.

Quando as guerras têm idade de geração nada se pode dar como certo. Excepção feita ao recorrente encontro com histórias. Um por contar. Outras a pedir para ser contadas de maneira diferente, num diálogo permanente entre o que se vê e o que se sente.

Para chegar ao destino – quer ao final quer a cada pequeno trajecto que permite avançar para a etapa seguinte – houve que enfrentar caminhos e águas minadas: “Minas à frente, atrás, à esquerda, à direita. Minas dentro de nós. Minas nos nossos olhos, adormecidos, exaustos, trémulos e preocupados, procurando manter-se acordados.”

Avarias quase constantes: “Tivemos que desmontar o motor do jipe (...) O Unimog só pegava de empurrão e por isso Matos, quando precisava de parar, puxava um pau que trazia agarrado à porta esquerda e espetava-o no coração do motor, a maior da cabina, de forma a entalar o tirante do acelerador – em alta rotação.”

Calor. Frio. Falta de mantimentos. Ou apenas as contingências de quem desbrava territórios africanos. “A carrinha de nove lugares tinha 14 pessoas dentro... Sacolas nos joelhos, mochilas entre as pernas, sacos de farinha por baixo dos bancos, alguidares e tachos (...) A estrada do Lobito é calamitosa. Das piores de Angola (...) Todos os passageiros iam com as mãos no tecto para bater mais devagar com a cabeça, nos saltos.”

Com mais ou menos personagens, atravessar dois dos maiores países africanos daria sempre material para rondar o território da literatura de viagens. Ou não fosse esta também caracterizada pela aventura. “Tivemos de aguardar a noite para voltar a Angola encobertos por ela. Devido ao embargo das Nações Unidas, a fronteira angolana está fechada nas áreas controladas pela UNITA, como é o caso do Cuando Cubango.”

A dificuldade não está tanto em andar pelo mundo. Ou em vivê-lo. Mas sobretudo em partilhá-lo, fazendo do leitor um companheiro de viagem.

Para o conseguir, Pedro Rosa Mendes não usa apenas as experiências vividas. Faz da própria linguagem, do estilo de escrita, uma descoberta. Torna-se por isso mesmo difícil de catalogar, como escreve João de Melo: “Eis uma obra que pertence não apenas a uma, mas a todas as literaturas do mundo de hoje. Por ser tão profundamente humana na sua coragem e tão original como tema, como linguagem, como texto de literatura”.¹⁷

Andar pelos países mais minados do mundo pode ser pior do que tentar escapar ileso ao próximo bombardeamento para contá-lo em horário nobre. “As crianças aqui brincam com projecteis ar-terra, que têm um palmo e pouco de comprimento e lhes podem explodir nas mãos a qualquer momento porque não detonaram na queda. Um ficou em bocados com uma coisa dessas há pouco tempo. É um absurdo.”

As minas são um inimigo sem rosto, sem intenções, sequer. Vitimam os incautos. Vitimam os sem-sorte. “E este rectângulo azul na margem do rio? É a praia fluvial do lado direito da barragem. Os soldados da UNAVEM vão lá tomar banho. Na outra margem continua minado: Eles só nadam até meio.”

Pedro Rosa Mendes viajou por esta realidade. Pode tê-la montado, encaixado como melhor lhe convinha à escrita ficcional, mas viajou por ela. E juntou-lhe factos. “Em cada vinte minutos alguém é morto ou mutilado por uma mina antipessoal. Há mais de cem milhões de minas enterradas em setenta países. Cerca de um décimo está em Angola. No Cuando Cubango, onde se supõe que estão 45% das minas de Angola, são elas a principal população.”

Pela leitura conseguimos imaginar o rosto dos que assistiram à separação de partes do seu próprio corpo. Porque estiveram de um dos lados da guerra – nem importa muito qual – ou simplesmente porque nasceram no país errado. “Um ex-combatente com dupla amputação de pernas está erguido no alto das raízes que lhe encham as calças. Um dos pés é um bocado de pneu, com a marca Michelin ainda visível no relevo do ‘peito’.”

O encontro com estas armas aleatórias é permanente. “Passamos, esquiando na nossa loucura, as tabuletas vermelhas triangulares com caveiras brancas, conhecidas de todos. ‘Perigo Minas!’ Se não tombarmos nenhuma, o fundo da encosta receber-nos-á vivos.”

Neste livro, a descrição dos trajectos tem uma dupla função. Por um lado, ficamos a saber as dificuldades por que passam os buscadores de histórias, tornando o material recolhido ainda mais valioso. Por outro, entramos nesse mundo desconhecido que nos é prometido pela literatura de viagens. “De Benguela ao Lubango corre uma das estradas mais perigosas de Angola, das mais ricas em histórias de sangue. A viagem é longa e penosa. Tem que ser feita em dois dias porque o piso está péssimo – só os oitenta quilómetros finais, a partir de Cacula, demoram quatro horas. Normalmente não se viaja depois do sol-pôr. Em guerra, é um paraíso da guerrilha. Na bizarra paz angolana, é território para os ‘bandos armados’ (...) Em zonas onde há mais buracos, acontecem assaltos de bandos que saltam para a carga, aproveitando a lentidão do carro, e vão atirando fora o que lhes interessa.”

Talvez não exista legalmente, talvez não conste em documentos, diz-se que já foi, mas continua presente. A guerra não passou, permanece. “Em Angola as guerras nascem como os dias. A mobília desapareceu no fogo e o resto são instalações de zinco, esteiras, buracos de bala e de obus, alguidares e cães, roupas que secam e bebês que choram a céu aberto, no interior de paredes chamuscadas por noites de frio eterno.”

¹⁷ João de Melo, *Pedro Rosa Mendes – o Romance como Género*, in *Jornal de Letras*, 23/01/2002

Num pós-guerra interminável, há feridas que não têm sequer oportunidade de sarar. Como diz Pedro Rosa Mendes, em entrevista, “ao fim de algumas semanas de bombardeamentos o amor passa a ser outra coisa”.¹⁸ No Cuíto “também se mataram os mortos, a guerra chegou até eles, não os desperdiçou, mereceu-os, morreram duas vezes. Os vivos muitas mais.”

Fica o desafio de sobreviver. “Como me explicaram vários angolanos com grande naturalidade, existe uma cultura de mentira. Nunca digas o que pensas. Os meus pais ensinaram-me assim. É o que digo aos meus filhos. Mentir é sobreviver. Os civis por defesa. Os militares por tática. Os políticos por má-fé. Todos por método, numa esquizofrenia colectiva.”

Resta a resignação. “Não é fácil fazer tudo. Que a República Popular de Moçambique piorou, sim, mas o país não se conserta de uma vez. Mas mais ou menos, já sabemos usar sapato, porque antes era pneu – quem tivesse a sorte de o apanhar.”

Na “terra onde todos têm frio e todos se aquecem de medo”, quem não conhece a vida para além da guerra e da sobrevivência, dificilmente compreende que alguém se dê ao trabalho de cortar África ao meio “só” para chegar à narrativa.

E logo sobre gentes que nos seus próprios países não contam. Nem para o direito a continuarem vivas, quanto mais para virarem livro. “Esta viagem é para recolher informações?”, quis saber o militar. “Não. É para conhecer gente”, respondeu o jornalista.

Quando os países elaboram “de forma perversa o conceito de que informação é poder”, o jornalista é obrigado a escolher a que senhores quer pertencer. Não escolher é acordar toda a espécie de perigos. “O brigadeiro-general Kalutotai, senhor da guerra na região do Ciaundo, pode mandar-me voltar para trás. Pode deixar-me ir em frente. Pode providenciar o meu desaparecimento. Não seria um crime. Nas Terras do Fim do Mundo, as vidas evaporam-se sozinhas.”

O cheiro a morte faz parte desta aventura literária. Uma vez de forma subtil, outras nem tanto. Sempre com a preocupação de revelar o que faz às vidas que ficam. “Esta pode ser uma narrativa sobre o limite da humanidade e do sofrimento humano, ou uma crónica sobre os labirintos da ‘civilização’ da guerra civil, ou ainda a história de uma deriva, da perdição superiormente fragmentária das cidades destruídas e dos países que ainda não se cumpriram. Não se consegue lê-lo sem o ‘viver’¹⁹”, observa João de Melo. *A Baía dos Tigres* é ficção, mas foi escrito por um jornalista que queria falar da realidade que encontrou em territórios africanos. Os números, embora escassos, estão lá. Talvez não sejam muito relevantes perante tudo o que se leu, mas ajudam a materializar a trajectória de sofrimento, a fazer da escrita um serviço de alerta, como é também dever do trabalho jornalístico.

Para as últimas páginas fica o resumo estatístico de uma etapa importante da viagem. “Entre 1995 e 1997, 97% das crianças do Bié estiveram expostas a situações de guerra. Durante o conflito de 1992-94, 27% das crianças perderam os pais, 89% estiveram expostas a bombardeamentos e 66% assistiram à explosão de minas, 66% viram pessoas a morrer ou a ser mortas (...) Dez por cento dos rapazes participaram em combates, 33% sofreram ferimentos e 38% foram vítimas de maus-tratos.”

Deixando-os para o final, Pedro Rosa Mendes consegue dar-lhes um dramatismo que se teria diluído caso tivesse misturado a frieza dos números com os mundos interiores que foi relatando. Como diz uma das personagens: “Não me interessa quem matou. Interessa-me que morreram, fazem falta, gostava deles.”

¹⁸ “Poder Acrescentar sítios à nossa cartografia, poder pôr pessoas no nosso atlas, é um privilégio”, Diário de Notícias, 12/04/2003

¹⁹ ibidem

Se, como diz António Olinto, literatura e jornalismo têm um mesmo objectivo – comunicar e despertar prazer –, então Pedro Rosa Mendes cumpriu a missão. O prazer na leitura é indiscutível. O comunicar de emoções uma constante. Com ele se consegue viajar para uma África que não costuma estar nos livros, e só fugazmente se encontra nas notícias.

“Senhor jornalista, fizemos um prisioneiro só para si. Para que o interrogue e filme o momento em que lhe vamos cortar a cabeça com a catana.”²⁰ Luís Castro faz parte do grupo de jornalistas que passaram a mostrar-nos a guerra em directo. Um novo desafio para as televisões – e para os telespectadores.

Permite ver mais e mais de perto o que se passa nos campos de batalha. Mas, convém não esquecer, significa também a possibilidade de pais e irmãos verem os seus a morrer no pequeno ecrã.

É sabido que, como resumiu Bismarck, “nunca se mente tanto como depois da caça, antes das eleições e durante a guerra”. Passá-la a horário nobre torna a mentira ainda mais apetecível.

Em teoria, o facto de se poder mostrar os ataques em vez de se escrever apenas sobre o que alguém disse deles, dificultaria a vida aos arquitectos da falsidade. No entanto, como veremos mais à frente com o fenómeno dos *embedded*²¹, o “espectáculo” só começa depois de garantida a possibilidade de manipulação da informação.

Embora colaborante deste novo circo mediático, Donald Rumsfeld, ex-secretário da Defesa norte-americano, criticou: “Aquilo a que estamos a assistir [no Iraque] não é à guerra, mas a bocados parcelares da guerra, do ponto de vista de um repórter ou de um comentarista, ou do que uma televisão é capaz de captar num dado momento.”

Ambas as partes do conflito farão tudo para passar a informação que mais lhes convém. Luís Castro procurou muitas vezes mostrar a guerra nas trincheiras do elo mais fraco. O seu livro é um verdadeiro tratado de reportagem de guerra. “Os tiros que tu ouves não te matam”, aprendeu, à custa de muitos sobressaltos, o jornalista.

Se uma normal obra de viagens ensina o caminhante a vestir-se e preparar-se para melhor se adaptar ao choque cultural e geográfico no destino escolhido, o texto de Luís Castro explica-nos manobras de sobrevivência em contexto de guerra. Algumas tão simples como: nunca dormir sem as botas; levar sempre tabaco, uma moeda de troca imprescindível em tempo de guerra; beber água do charco onde há bichos, prova viva de que não houve envenenamento.

Enfim, um manual de sobrevivência, mas também, e mais importante, um manual de jornalismo. O repórter da televisão pública prova, com experiências várias, que nunca desistir da melhor história é a forma mais eficaz de a conseguir. “Ficámos dois dias e meio dentro do jipe, sem chaves na ignição e, por isso mesmo, sem ar condicionado para o calor que faz durante o dia e para o frio que nos corta os ossos durante a noite. As necessidades são feitas dentro do mesmo buraco onde nos puseram e dar migalhas de pão seco às formigas e acompanhá-las até ao formigueiro, torna-se o nosso principal passatempo (...) Obrigaram-nos a ficar acordados toda a noite, sentados, enquanto esperamos que cheguem os interrogadores da CIA (...) O oficial revela-nos que lhes fomos entregues como se de pessoas perigosas se tratasse.”

Depois de dois dias fechado num jipe em território iraquiano por imposição inexplicável do “inimigo” mais inesperado, os soldados norte-americanos, Luís Castro voltou ao

²⁰ Luís Castro recusaria esta “proposta”.

²¹ Jornalistas que acompanham as unidades da linha da frente na guerra, assinando compromissos com limitações várias em relação à informação que podem transmitir.

terreno em busca das suas peças. “Decidimos não desistir. Alugamos outro jipe e formamos uma caravana com mais jornalistas.”

É graças a essa teimosia que Luís Castro pode dizer, orgulhosamente, no início do seu livro: “Tive dois acidentes graves, problemas de saúde, estive preso por quatro vezes, expulsaram-me outras tantas, fugi com uma sentença de morte sobre os ombros, proibiram-me a entrada em vários países, fui humilhado e agredido por quem menos esperava. Deram-me a possibilidade de estar onde aconteceu História.”

Angola, Guiné, Afeganistão, Iraque, Timor são alguns dos países onde Luís Castro fez reportagem. O esforço físico do viajante para atingir o seu objectivo é aqui uma constante. “Preparo-me para emitir em directo da mata e ter os reféns da Mota e Companhia a meu lado. Será uma semana de caminhada, carregando o material por cerca de 300 quilómetros floresta adentro.”

Numa das reportagens, Luís Castro chegou a perder doze quilos em três semanas. “Entre as seis da manhã e a meia-noite, na maioria dos dias, não nos alimentamos. Ou falta tempo ou falta comida.”

Mas todas estas experiências, por penosas que possam parecer, nunca são apresentadas em tom de queixa. Ou não fosse a adrenalina e o prazer sentido perante o perigo um dos elementos definidores do *homo viator*. “É disto que eu gosto. De conhecer pessoas e de criar laços de relacionamento e proximidade. Compreendê-las nestes momentos em que as emoções e os estados de alma são mais sensíveis (...) O trabalho da redacção fecha-me demasiado e não me deixa ver o mundo para lá do computador”, confessa o jornalista.

O turista ouve sobre o país que visita; o viajante experimenta-o, tirando partido das vicissitudes. Foi assim em Timor, em busca das milícias: “Ao atravessar zonas de vegetação mais fechada, o soldado que vai à frente passa para a minha mão o ramo que desviou, evitando que ele me golpeie no rosto ou que faça barulho. Como me ensinaram, respiro apenas pelo nariz e faço-o compassadamente. Estou a viver uma experiência fantástica.”

Foi assim em Angola, para cobrir a guerra entre o MPLA e a UNITA: “Consegui chegar à linha da frente. A palhota que nos destinaram é um luxo. Dois metros quadrados com quatro paus espetados na terra e um estrado para cada um. Palha como colchão, palha como parede, palha como telhado. Pelo menos não vamos comer palha, não estamos a dormir no chão e não nos pinga na cabeça.”

Como seria de esperar, o tipo de escrita de Luís de Castro difere dos outros dois autores analisados, ambos da imprensa. Pedro Rosa Mendes e Cáceres Monteiro são mais narrativos, mais expressivos, gerindo com parcimónia o espaço dedicado à descrição dos locais e às histórias com que se cruzam.

Luís Castro usa um género mais próximo da escrita televisiva: curto, incisivo, sem grandes descrições para além das directamente relacionadas com o acontecimento. Passagens como esta são raras no seu livro: “O voo segue rasante para não dar tempo aos rebeldes de nos fazerem pontaria. Por momentos, esqueço o perigo e delicio-me com a beleza da paisagem.”

Embora a escrita seja mais directa do que nos outros casos analisados, o ritmo da acção, muitas vezes a do próprio jornalista, é de tal forma intenso que é difícil pousar o livro sem o acabar.

Em *Repórter de Guerra*, o trabalho do jornalista é o fio condutor. Além dos conflitos que protagonizam cada reportagem, o leitor fica a saber como Luís Castro chegou àquele local, àquela história, as dificuldades que encontrou, as estratégias que

descobriu. As aprendizagens do repórter e do viajante são indissociáveis, o que torna o livro único.

“Já apareceu o jornalista sul-coreano que fora raptado. Encontraram-no decapitado, numa berma da estrada, à saída da cidade.” Uma coisa é enriquecer a narrativa com a aventura, outra muito diferente é correr risco de vida para poder ter o que narrar. O perigo real vivido pelos jornalistas é talvez um dos aspectos mais diferenciadores entre o escritor de literatura de viagens e o repórter de guerra.

É certo que deste tipo de texto se espera a partilha de ousadias. Mas raramente o terror é tão evidente como para os repórteres de guerra. Depois de um atentado a que escapou por sorte, Luís Castro admite: “Tanto poderíamos ter conseguido aquelas imagens como estar a fazer parte delas.”

Tais contingências profissionais têm vindo a converter-se em números dramáticos. No ano de 2003, a soma indicava a morte de 13 jornalistas, entre os três mil acreditados para cobrir a guerra do Iraque. Em termos relativos, terão morrido mais jornalistas do que militares. De acordo com a organização Repórteres Sem Fronteiras, desde 2003 até hoje já perderam a vida 72 jornalistas devido à guerra no Iraque.

Quando Luís Castro chegou ao Koweit para cobrir o conflito, já lá estavam três mil jornalistas e não havia mais jipes para alugar. A quantidade de profissionais da informação destacados aumenta a competição. E o perigo. “Resta-nos esperar que a fronteira se abra à imprensa estrangeira. Mas há quem não queira esperar e assuma o risco por conta própria, é o caso de um *freelancer* canadiano que tentou sozinho e acabou raptado. Desde que começou a guerra morreram oito jornalistas, quatro ficaram feridos e há vários desaparecidos.”

A sensatez de Luís Castro é, nestes casos, um sinal de profissionalismo. Mesmo com alguma cautela, ainda sobra material para escrever um livro. “Atravesso a rua e um dos guerrilheiros encosta-me, de imediato, o cano da Kalshnikov à barriga, ameaçando disparar. Nesse preciso momento aproxima-se um jipe com americanos. Ele olha para trás e baixa a arma.”

Luís Castro é apenas jornalista, mas cada cobertura de guerra a que sobrevive é uma batalha vencida: “Como se a morte tivesse passado por mim e decidisse que ainda não era chegada a minha vez.”

A Guerra do Golfo marcou a corrida à cobertura dos conflitos em directo. Antes dos ataques, observar o aparato da máquina de destruição era, só por si, avassalador. E nenhum repórter estava disposto a perder esta experiência – única, até ali.

“Desembarque americano em Kandahar. Estou arrepiado, não só pela imponência da máquina americana que acaba de invadir a capital talibã mas, principalmente, porque, neste momento, está a acontecer História e serão as imagens destas duas câmaras da RTP que irão mostrar ao mundo o acontecimento.”

A CNN terá deslocado para a região 250 pessoas e gasto um milhão de dólares por dia. A BBC tinha 200 colaboradores.

Cerca de 600 jornalistas eram *embedded* (incorporados). “Polícia e exército impedem a passagem a todos os jornalistas que não estejam autorizados pelos americanos. Só passam os *embedded* que vão seguir na linha da frente, uma vez que assinaram um documento com dezenas de limitações à normal cobertura de qualquer guerra ou situação de conflito. Bush dá-lhes aquilo que eles querem – as imagens de guerra – e em troca eles acabam por esquecer ou relativizar as outras histórias da guerra, tal como os danos colaterais.”

O aparato bélico torna o interesse das transmissões inegável. “Não é só a coluna que ocupa as quatro faixas que impressiona, são também os inúmeros acampamentos

militares e as incontáveis máquinas de guerra, umas estacionadas, outras em movimento, outras no ar (...) É a tal coluna a que Saddam chama a ‘Grande Serpente’ e que promete ‘cortá-la às postas’. Alonga-se até ao Kuwait numa extensão de quinhentos quilómetros e que vem em andamento há 22 horas. Fabuloso. Se não estivesse aqui, não acreditaria.”

Apesar de toda a propaganda norte-americana – vendendo a ideia de guerra justa porque a favor da democracia –, o repórter pôde observar as reacções adversas dos principais visados por esta revolução imposta.

Quem quer democracia se ela servir para ter mais – e não menos – insegurança? Num dos regressos ao Iraque, Luís Castro admite que aprendeu uma lição: “A segurança é muito importante. Tão importante que os iraquianos chegam a preferir os tempos da ditadura a esta liberdade.”

“Na hora da fuga, a principal preocupação dos timorenses foi levar as estátuas dos santos.” De Timor, o jornalista trouxe aos espectadores e leitores o sofrimento de um povo que nunca perdeu a fé, quando nada justificava que ainda guardasse alguma. Como em exemplos anteriores, trata-se menos de viagens no sentido geográfico e mais no sentido emocional e cultural.

“O primeiro refúgio onde entro não é mais do que um silvado tornado oco por dentro para poder albergar 21 pessoas, das quais quatro mulheres e dois recém-nascidos. Sem comida há vários dias, dois outros bebés já morreram à fome.”

Há muito que Portugal se tinha distanciado de Timor-Leste. Para os portugueses era um território longínquo, do qual tinham apenas referências vagas, ao contrário do que acontecia com as antigas colónias africanas. Porém, a proximidade sentida por um povo que sofria quase mudo criou uma inesperada onda de solidariedade e interesse.

Pelo exemplo timorense se prova que não é preciso deslocarmo-nos aos lugares para nos interessarmos, sendo essencial, isso sim, que nos falem deles. É o que fazem os jornalistas em geral, e os repórteres de guerra em particular.

Luís Castro esteve nas montanhas onde viviam milhares de refugiados “no maior dos sofrimentos”, e pôde testemunhar a solidariedade dos que nada têm: “Dividimos por seis uma única lata de feijão por dia. É praticamente a única refeição que fazemos em 24 horas.”

Um dos entrevistados resume a desolação: “Arroz não tem, comida não tem, tudo não tem”. As histórias com que se cruza o repórter somam desgraças. “Em Suai, bem longe de Díli, aconteceu um dos massacres mais arrepiantes. Assassinarão o padre, juntaram os fiéis no adro e mataram-nos a tiro e à catanada. Cento e doze cadáveres, nove dos quais crianças.”

E, no entanto, “oito anos depois do massacre de Santa Cruz, os timorenses continuam a lutar pela paz”.

Trabalhos como os de reportagem de guerra – e de resto, todos aqueles em que a miséria humana atinge o obscuro – são emocionalmente esgotantes. O bálsamo dos jornalistas é, muitas vezes, a consciência de que estão a dar a conhecer a realidade de territórios onde os visitantes são indesejados e as verdades escondidas. Realidades que, de outra forma, nunca chegariam à opinião pública.

A propósito da guerra angolana e do seu papel enquanto repórter, Luís Castro escreveu: “O conflito já provocou milhões de mortos e deslocados. Angola vive em guerra há quase quarenta anos e o mundo divorciou-se desta tragédia. Se conseguir alertar algumas consciências, já terei cumprido a minha missão.”

Escrita a partir da colecção de experiências dignas de partilha, a literatura de viagens dirige-se a quem gosta de saber mais sobre o mundo em que vive. De preferência, numa

linguagem que sirva o prazer da leitura. Até aí a reportagem segue em paralelo. Mas enquanto género jornalístico que é, tem obrigação de ir mais longe.

“Claro que uma reportagem soberba e imaginativa não resulta necessariamente numa acção concreta e numa mudança social. Por vezes, leva apenas à consciencialização e funciona como alerta”²², escreveu Steve Rothman, a propósito da publicação de *Hiroshima*, considerado um exemplo clássico de jornalismo literário, num tipo de reportagem que ajuda a compreender o impacto dos acontecimentos.

Despertar consciências faz parte dos objectivos de comunicar. E é por isso que continua a fazer sentido a velha máxima segundo a qual o jornalismo existe para confortar os aflitos e afligir os poderosos.

Os extremos da guerra, em que o ódio só se consegue trocar por mais ódio, devem ser, nesse sentido, alvos privilegiados da missão dos repórteres.

“No lugar onde Jesus foi crucificado reza-se em intenção da gente que estava refugiada no lugar onde o mesmo Jesus nasceu, cercada pelos militares.”²³ Um dos conflitos cobertos por Cáceres Monteiro, Israel-Palestina, é a excepção ao que temos dito até aqui. Que a reportagem de guerra é muitas vezes a única forma de contacto com terras e povos fechados ao exterior devido à situação de guerra.

Israel é o único local do mundo que consegue conjugar de forma tão imperfeitamente perfeita campos de batalha e atracções turísticas. Os combates existem quase desde que o Estado israelita se impôs ao território palestino. Mas o turismo também. Em 2004, um milhão e 47 mil excursionistas visitaram a Terra Santa.

Uma contradição digna de reportagem, embora não seja a única. Quando Cáceres Monteiro esteve em Israel, os locais sagrados eram palco de conflitos sangrentos. Santos. Padres. Crianças. Nada escapava à loucura belicista. “No dia anterior, o sacristão da Igreja da Natividade teve uma perturbação e resolveu ir tocar os sinos. Foi abatido pelos israelitas.”

Que a guerra é cega talvez não seja novidade, mas a constatação torna-se muito mais brutal – muito mais próxima – quando um repórter vive e relata a crueldade dos campos de batalha, especialmente se forem igrejas. “Desde há dez dias quase duzentas pessoas estão cercadas dentro da Basílica em cujo solo uma estrela de prata assinala a gruta onde Jesus Cristo terá nascido, o exacto lugar da manjedoura com o Menino acompanhado pela Virgem Maria, S. José, o burro, a vaquinha; o lugar visitado pelos Reis Magos. A porta traseira da Basílica já foi baleada para forçar a entrada.”

Quando as vidas nem sequer são poupadas à morte, porquê oferecer-lhes socorro? “Os militares israelitas têm de dar autorização, caso a caso, para uma ambulância deixar o hospital, mesmo para recolher os mortos. Os feridos acabarão por morrer ou ficarão sem pernas e braços. Só estão autorizadas a transportar doentes não relacionando com o conflito, e após um complexo processo de cadastro.”

O director de um hospital sente-se impotente. “Temos muitas crianças doentes e não podemos assisti-las. Vejam o que fizeram a isto. É esta a Terra Santa?”

Quem viaja para Israel corre o risco de morrer num atentado à bomba nos cafés ou nas paragens de autocarro. No aeroporto, sujeita-se a horas intermináveis de interrogatórios por razões de segurança.

É difícil sentir-se bem-vindo num território assim. E, no entanto, é um dos destinos turísticos mais procurados do globo. Por aqui se vê a necessidade que o Homem tem de conviver com o mundo. Neste caso, uma necessidade associada ao espírito de peregrinação.

²² Steve Rothman, “The Publication of Hiroshima in the New Yorker”, Janeiro de 1997

²³ Cáceres Monteiro, *Hotel Babilónia*, Verbo, Lisboa, 2004

“Enquanto o tiroteio não cessa, encostamo-nos a uma reentrância do portão fechado do muro da igreja. Se a própria Nossa Senhora – em terra sua, uma vez que foi em Belém que foi mãe, que deu à luz Jesus Cristo – já foi atingida, e por isso apresenta um aspecto chamuscado e mutilado.”

Tal como Pedro Rosa Mendes e Luís Castro, também Cáceres Monteiro encontrava histórias de gente sofrida a todas as esquinas. Gente que vê no repórter – e o mesmo é dizer, na comunicação – uma forma, quantas vezes uma última oportunidade, de dar a conhecer o seu estado de alma.

Usar o jornalista como mensageiro é, muitas vezes, uma estratégia desesperada para levar a aflição ao conhecimento do mundo e, talvez assim, assegurar que não foi em vão.

Quem agarra o repórter pelos colarinhos para lhe dizer o que sente não quer apenas desabafar, ter um minuto de atenção, espera que a informação funcione como motor de mudança. “As pessoas atropelam-se para nos contar as histórias. Para nos transmitirem as necessidades pelas quais passam: a comida, a água, os remédios que escasseiam, o leite que não há para os meninos. E, nos olhos dos meninos, lê-se o medo e o espanto.” Cáceres Monteiro defende no seu livro que “nestas missões, os jornalistas têm duas funções principais: ouvir e compreender o que vai no coração das gentes, e observar as batalhas travadas e as mudanças decorrentes.”

Na Terra Santa, o sagrado fica-se pela simbologia; o exemplo de Jesus só apreciado na doutrina. “Em Telavive e Jerusalém senti esse estado de quase pânico. Ódio que gera ódio, intolerância que gera intolerância, sangue que faz correr mais sangue.”

Homenageiam-se os justos no engodo de camuflar a prática da injustiça. Não se aprendeu nada. “Na Praça da Manjedoura, junto da Igreja da Natividade, em Belém, no lugar onde Jesus Cristo nasceu, os tanques israelitas disputam o terreno aos franco-atiradores palestinianos. Repetem-se as histórias de David e Golias, de Sansão e dos filisteus.”

Por estes territórios, as fronteiras são as do medo. “No outro lado do rio Jordão, o medo é representado pelas buscas dos militares israelitas, casa a casa. No lado que confina com o Mediterrâneo, a planície que legalmente pertence ao Estado judaico, o medo faz parte do quotidiano: sair, ir ao mercado, à escola, ao restaurante.”

O que está à vista é “o absurdo de uma guerra sem quartel que se arrasta há mais de meio século.” Uma guerra sem fim anunciado. “Sempre em nome de um Deus único. Só que, para cada um, esse Deus tem um nome diferente.”

Mais do que relatar um conflito armado, Cáceres Monteiro viaja ao sofrimento de povos oprimidos, confusos pela contradição entre a mensagem religiosa e os actos dos senhores da guerra. Povos desesperados.

É essa a sua intenção, tanto ao escrever artigos como ao escrever livros: “Proponho que procuremos entender as pessoas e a vida através da sua leitura. Em *Hotel Babilónia*, o mais importante são os habitantes deste mundo e as suas histórias.”

Apesar da dureza dos relatos, o repórter nunca esquece a paisagem que o rodeia, o cenário das emoções, num exercício eficaz de aproximação à literatura de viagens. Estão lá os sítios, as pessoas, a aventura. E o sentido crítico, por vezes analítico, do jornalista.

Sobre Israel – “um país geograficamente encurralado, numa situação politicamente bloqueada” – como sobre o Iraque, o Afeganistão ou Timor. Na certeza de que “no mundo unipolar que se seguiu à queda da URSS, a opinião pública é a única força que funciona como superpotência alternativa”.

A nova literatura de viagens afoita-se em territórios desconhecidos, como os da análise do mundo encontrado pelo viajante. Além de contar a sua passagem por muitos

continentes, Cáceres Monteiro interpreta politicamente os conflitos que cobriu, alguns mais do que uma vez. “A questão religiosa é um dos factores que tornam uma quase fantasia o alegado plano de Washington de criar ‘Estados Democráticos’ no Médio Oriente.”

E questiona-se. Questiona o leitor: “Numa terra onde só se fala de guerra e de ódio, quem se lembra ainda de que o amor existe? Terra Santa? Como se pode falar de paz quando nas ruas, de ambos os lados, correm rios de sangue?”

Dos três autores tratados, Cáceres Monteiro é o que faz maior esforço de integração do relato factual no espírito da literatura de viagens, procurando, em todos os momentos, contextualizar a história e a cultura dos locais em conflito.

Mesmo debaixo de fogo, aproveita para dar mais detalhes sobre os espaços onde se encontra. “O templo da Natividade é provavelmente a mais antiga basílica do mundo. Foi erguida por volta do ano 330 por Santa Helena, mãe do imperador Constantino e renovada no século VI por Justiniano que baixou a altura das portas para evitar a entrada a cavalo dos profanadores (...) Percorri o itinerário que Jesus Cristo fez com a cruz, caindo e levantado-se, desde o lugar onde ficava o Palácio de Herodes até ao Santo Sepulcro.”

Neste livro, Cáceres Monteiro procura aprofundar o tema da literatura de viagens, não só na prática como em tese, dedicando-lhe até um capítulo. “Que o fascínio das viagens não se esgotou, mesmo num tempo em que viajar se tornou fácil, prova-o o interesse que a literatura a elas associada não cessa de despertar”, defende.

Na busca de diálogo permanente entre a paisagem e as sensações, importa tanto o que se ouve contar quanto o que se vê. “À beira do Tigre. Recordo um intenso pôr do Sol outonal e as tonalidades toranja que, ao cair da noite, se iam dissolvendo nas águas do Tigre, o célebre rio da História da Mesopotâmia.”

Mas importam ainda mais os costumes, sobretudo se alterados em consequência da guerra. “Quando voltei ao Iraque, em 1991 e 2003, nas ruas centrais de Bagdad eram muitas mais as mulheres que vestiam segundo o figurino ocidental. Em 2003, a altura das bainhas das saias foi descendo e cada vez mais véus voltaram às ruas das cidades iraquianas.”

Para Cáceres Monteiro, “as guerras tiveram um efeito devastador sobre a abertura de mentalidades e de costumes que estava a decorrer no Iraque”.

Aquilo que a guerra queria aniquilar, sentiu o repórter, resultou exactamente ao contrário. “Em 1991, as preces circunscreviam-se ao interior das mesquitas, mas em 2003 o próprio centro da gigantesca urbe foi ocupado pelos fiéis, escutando as palavras dos mulás condenando a invasão americana, entre cordões de militares.”

Cáceres Monteiro descreve trajectórias de prazer, detalha cada percurso trilhado e transmite o que sente na voz dos entrevistados. Isto sem nunca deixar de contextualizar a situação política nem de alertar para o drama vivido pelos povos com que se cruzou. Com *Hotel Babilónia* aprende-se a conhecer o mundo em que vivemos. Acima de tudo, aprende-se a saboreá-lo – no que tem de melhor e de pior.

O jornalista é, antes de qualquer outra coisa, um agente de informação. Mas isso não o deve impedir de transformar o seu trabalho num acto de criação, se por criação entendermos algo que aproxima os homens, senão no sentido físico, pelo menos no sentido do conhecimento do outro.

A busca do desconhecido encontra o Homem no seu desejo de movimento.

Quando nasceu a literatura de viagens, sonhar era a única medida do possível. Hoje, o imaginário pode realizar-se. Se não puder, como acontece nos campos de batalha, os

repórteres de guerra estão lá com a missão de trazer o desconhecido para mais perto do conhecimento.

Escrevem rascunhos de história, despertam consciências, dizem mostrando. Para o conseguir correm risco de vida. Sofrem. Mas têm o privilégio de estar ali.

Ao contrário de muitos escritores de literatura de viagens, os repórteres não podem inventar espaços deslumbrantes, nem percorrer apenas a rota da imaginação. Como os escritores de literatura de viagens, contam histórias para expandir territórios.

Aproximaram-se da literatura usando uma linguagem expressiva, assim como a literatura se identificou com a reportagem jornalística relatando de forma mais simples e directa.

Cáceres Monteiro quis contribuir para entender as pessoas através da leitura. Consegue-o relatando as vivências dos locais no momento do acontecimento.

Luís Castro orgulha-se de ter estado onde se fazia História. Contribui para ela ao contar o que via e ao dar a conhecer como trabalha um jornalista em cenário de guerra.

Pedro Rosa Mendes declara nas histórias todas as suas intenções. Faz muito mais do que isso. Localiza-as, torna-as reais, entra-nos pelos sentidos.

Estas três obras demonstram que a literatura de viagens, no passado como hoje, vale mais pelo que tem para nos dizer sobre as pessoas – costumes, tradições, mentalidades, emoções – do que pelos sítios.

Fernando Cristóvão considera que “o turismo altera a mobilidade humana, pondo as culturas mais em contacto que em confronto”.²⁴ É verdade. E por isso mesmo a literatura de viagens foi sempre tão bem acolhida.

Mas quem quer ser turista em países onde beber água com bichos é bom sinal – quer dizer que ainda não foi envenenada pelos inimigos – ou onde se diz abertamente que as mulheres são inferiores aos homens?

Turista, ninguém. Mas viajante, muita gente, como prova o sucesso destas reportagens, não só no exacto momento da sua publicação ou emissão, como posteriormente no interesse de editoras em tornarem-nas livro. No caso de Pedro Rosa Mendes, por exemplo, a obra foi traduzida em várias línguas e já vai na sexta edição.

“O movimento perpétuo exige um contrapeso. E a escrita, obviamente, preserva essa vivência entusiasmante mas efémera que é andar pelo mundo”²⁵, escreve Pedro Mexia. A literatura que nos fala de viagens para países em guerra não serve certamente o turista do século XXI, mas conquista qualquer bom viajante. Curioso por conhecer a cultura que permite fazer refugiados no espaço do nascimento de Jesus, ansioso por perceber porque é que, onde jorram alguns dos maiores poços de petróleo do mundo, os habitantes têm de passar o dia a procurar comida ou – mais frequente ainda – a fugir da ponta das espingardas.

Talvez o leitor nem consiga deslocar-se pessoalmente aos países falados nos livros que publicam reportagens de guerra, mas passará a conceptualizar melhor o que se passa à sua volta.

Neste sentido, a reportagem de guerra será certamente uma das alíneas da nova literatura de viagens. Como no passado, vai a locais inacessíveis à maioria e – o que é esperado do bom jornalismo – ajuda a compreender os acontecimentos. Como no presente, baseia-se numa linguagem mais rápida, mas nem por isso desprovida de prazer de leitura.

²⁴ Fernando Cristóvão, “A literatura de viagens, dos navegadores aos exploradores e destes aos turistas”, in *População: Encontros e Desencontros no Espaço Português*, Ericeira, Edições Mar de Letras, 2000, pp 147-156

²⁵ Pedro Mexia, “A Vocação Nómada”, in *Diário de Notícias*, 06/08/2005

A beleza dos textos analisados não está na construção complexa de frases, mas na profundidade das metáforas, na sensação de que os escritores (neste caso repórteres) estiveram no local e viveram as personagens.

Mais importante: os escritores-jornalistas souberam como poucos partilhar a intensidade dos lugares que encontraram. Não necessariamente espólios arqueológicos ou vegetação e fauna desconhecidas. Falaram-nos de paisagens afectivas.

Com os textos destes três repórteres, o inferno da guerra parece aqui tão perto, ainda que na realidade esteja longínquo. Prova da qualidade do trabalho jornalístico. Mas prova também de uma afinidade indiscutível entre reportagem de guerra e literatura de viagens.

Na era da globalização, em que dar a volta ao mundo já não é obrigatoriamente um capricho de milionário, a literatura de viagens passará certamente por aqui.